

Para além da Amazônia idílica: as memórias do cinema paraense a partir das adaptações de textos literários

Eliana Pires de Almeida¹

Introdução

A pesquisa em andamento toma os filmes adaptados para o cinema a partir de textos literários como ponto de investigação e reflexão como produto cultural e representação social dos amazônidas. Nesse sentido, narrar o tempo, contar a versão local e de quem vive na Amazônia por meios narrativos e processos audiovisuais é testemunhar às lutas e os avanços sociais e culturais na região. A literatura, o cinema e o audiovisual dão vozes aos saberes amazônicos, denunciando ou reforçando estereótipos do povo da floresta a partir da memória salvaguardada em produtos culturais como o livro e o cinema. As narrativas verbais e audiovisuais contribuem às identidades dos amazônidas para o bem e para o mal, a depender do gosto do leitor/expectador.

Pensar a Amazônia como espaço de resistência é também pensar o Brasil profundo, vendida pelos cronistas viajantes como a grande selva a ser dominada, que foi invisibilizada no período do Império e na República, principalmente, no período ditatorial, as políticas públicas sofreram com as sistemáticas tentativas de saque de sua riqueza mineral, do apagamento de sua cultura e da violação de seus direitos. No Pará, ainda hoje, há trabalhadores que vivem em situação análoga à escravidão, falta fiscalização adequada.

Dessa forma o texto literário é suporte para narrativas verbais que podem ser também adaptadas como narrativas visuais, por meio de adaptações ou transposições fílmicas. Ampliando a circulação dos saberes amazônicos, os filmes funcionam como guardiões da memória social, cultural e educacional de uma sociedade.

O recorte apresentado aqui faz parte da tese de doutorado desenvolvida no PPGL- Programa de Pós-Graduação em Letras /UFPA² e analisa os textos literários adaptados para o cinema/audiovisual de autores ou temáticas amazônicas, no período de 1972 a 2022, verificando como a memória, a identidade e a subalternidade são representadas nesses

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Estudos Literários - da Universidade Federal do Pará, mestra em Educação pela Universidade do Estado do Pará, especialista e graduada em Letras – Língua Portuguesa pela UFPA. Professora, Produtora Audiovisual, Documentarista e Pesquisadora. Atua em dois grupos de pesquisa, NARRARES - Narrativas de Resistência e GREAMAZÔNIA - Representações da Amazônia na Literatura, no Audiovisual e na Canção, ambos são vinculados à UFPA e ao CNPq. E-mail: eliana.almeida@ilc.ufpa.br - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9514797659482127>

² Pesquisa sob orientação do prof. Dr. Carlos Augusto Nascimento Sarmento-Pantoja. Pesquisa financiada com bolsa CAPES.

produtos culturais e como essas categorias são trabalhadas nas obras.

Na contemporaneidade as identidades são forjadas por linguagens subjetivas em narrativas que chegam na velocidade de um *click*, nunca a comunicação foi tão usada. Nunca a linguagem foi tão manipulada. Nessa perspectiva, os filmes são portas que se abrem e comunicam a partir do cinema, da televisão, do audiovisual e principalmente, da *internet*.

Outrossim, a Literatura e o Audiovisual dão suporte à circulação de diferentes testemunhos de práticas, construindo uma grande teia de saberes culturais. Esses produtos culturais como recurso pedagógico performatizam uma certa manutenção da memória de um povo, de sua cultura e de sua identidade. Dessa maneira promovem à salvaguarda e à construção de uma alteridade dos saberes amazônicos no campo educacional na sala de aula. As histórias dos filmes baseados em textos literários mapeados nesta pesquisa, claramente, testemunham resistências e ressignificam traumas e vivências na Amazônia.

Breve historiografia do Cinema no Pará

O cinema no Pará, como no resto do mundo, significou um momento de atualização do estatuto da Arte, bem como, o surgimento de uma nova forma de imperialismo cultural, como proposto por Pierre Bourdieu e reafirmada por estudiosos locais, “O nascimento dessa arte significou o processo de modernização que se estabeleceu na relação entre a cidade e a metrópole” (Álvares, 2006, p.9).

Veriano (2006), em seu livro *Fazendo Fitas*, relembra que a imagem em movimento passou a existir por volta de 1895 com dois grupos industriais distintos, um nos Estados Unidos e outro na França. E seus produtos eram distribuídos mundo a fora por meio de um caixeiro viajante, que vendia os produtos de projeção e exibição que chegavam de navio a vapor na capital paraense. Conta também toda a trajetória do cinema Olympia em Belém, fundado em 1912, hoje com 111 anos e em processo de reforma. Ele é considerado o cinema mais antigo em funcionamento do Brasil.

A primeira sessão na capital aconteceu em 29 de dezembro de 1896, no *Theatro* da Paz. Neste mesmo ano chegou no sudeste do Brasil, no Rio de Janeiro o primeiro aparelho de filmar e projetar. Já “O pioneiro do cinema no Pará foi Nicola Parente, italiano que chegou ao Brasil com o *Cinematographo* de Lumière, aportou no Ceará e depois fixou residência em Abaetetuba” (Veriano, 2006, p.21).

O processo de nascença do cinema e de uma sociedade do espetáculo na Amazônia

também foi um momento de muitas lutas sociais e ideológicas na região. A pesquisa analisa os traços da memória do cinema paraense em filmes baseados em textos literários e as relações culturais mediadas por essas narrativas na construção de uma identidade amazônica. E ainda, investiga como os meios narrativos e os processos audiovisuais reforçam os estereótipos ou reinventam mundos, entre a utopia e distopia na/da Amazônia.

Objetivo geral

- ✓ À luz dos estudos culturais e da literatura comparada, analisar qual o papel dos textos literários adaptados para o cinema/audiovisual, como eles atuam como agentes replicantes de narrativas que (re) tratam identidades, testemunho e a memória para além da Amazônia idílica.

Objetivos específicos

- ✓ Mapear e analisar os textos literários de autores ou de temáticas amazônicas adaptados para o cinema ou audiovisual na perspectiva da categoria Memória, Testemunho e Alteridade;
- ✓ Descrever a importância histórica e cultural dos filmes adaptados de textos literários cartografados nesta pesquisa, com vistas à construção de um roteiro adaptado e uma cartilha/e-book para ser usado em sala de aula.

A tese em desenvolvimento tem como objetivo promover um diálogo no âmbito da Literatura Comparada e dos Estudos Culturais visando uma cartografia simbólica da memória identitária de uma Amazônia plural, como testemunho de uma sociedade que serve de base narrativa a textos literários e roteiros cinematográficos.

Nesse sentido, os caminhos teóricos desta investigação apontam que viajantes e cronistas difundiram uma visão colonizadora da região e ainda hoje, há a perpetuação dessa *imagem*, deturpada e fabricada da região, porque “esses elementos estão sempre presentes na invenção da Amazônia” (Gondim, 1994, p.3-4). A autora alerta que a Amazônia é uma invenção, sob o olhar do norte global em detrimento do enfoque mais local. Ou seja, a Amazônia segue sendo contada por quem não vive nela, é reinventada sistematicamente. Deixando de fora inúmeras marcas de sua cultura originária e reforçando traços subalternos ao gosto do colonizador.

Nessa perspectiva, não podemos pensar à chegada em Belém do Pará pelos portos em navios a vapor do cinema como um acaso, não foi. Já era o início do expansionismo industrial avançando na região, após a abolição da escravidão não havia quem fizesse os

serviços e era preciso fixar as pessoas nos territórios.

Em vista disso, os filmes baseados em textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas analisados até aqui dão vozes as narrativas de uma sociedade múltipla, plural e diversa. Ao mesmo tempo em que, fala de seus dramas sociais e culturais.

A dialética da obra estará sempre em luta, escritor/leitor, diretor/espectador são sujeitos desse fazer. No entanto, a obra enquanto semblante da verdade é questionável, como num enfrentamento ao que Carlo Ginzburg chamou de *paradigma indiciário*. Dizer isto se faz salutar, sobretudo ao considerar o leitor, não apenas leitor, mas um sujeito social que vive e trabalha num mundo real. Ademais, textos literários e filmes são suportes que denunciam ou silenciam problemas sociais a partir do testemunho em narrativas documentais ou ficcionais.

Nessa fase estamos realizando um estudo etnográfico baseado em Clifford (2002) à luz de uma *antropologia e multimeios* proposta por Stéphane Malysse (2005). Trata-se de interpretar como a ficção e a *invenção* etnográfica constroem e iluminam o real, e como tais relações, ao mesmo tempo em que inventam o outro e sua *cultura*, denunciam, sugerem e revelam as características do próprio contexto cultural de onde se originam.

As referências utilizadas neste trabalho, além das citadas acima são: Stuart Hall (2003), Homi Bhabha (1998), Linda Huetten (2011), Helena Pereira (2023), Carlos Sarmiento-Pantoja (2015), Gayatri Spivak (2010), Marília Franco (2010) e Le Goff (1990).

Segundo Hall (2003) as identidades culturais são formadas e transformadas no interior da representação. E a partir do prisma das “identidades culturais nacionais, sabe-se que uma nação não é apenas uma entidade política, mas um sistema de representação cultural, composta de símbolos e representações” (Hall, 2003, p.68). Os significados culturais influenciam condutas e práticas, porque acessam o circuito cultural no qual o sentido de pertencimento é construído simbolicamente. A Amazônia é um território de dimensões continentais e sua cultura é diversa, logo, sua representação deve ser plural.

De Homi Bhabha nos interessa o debate da “temporalidade discursiva e histórica na qual as auto invenções da modernidade acontecem e criam uma representação sincrônica e espacial” (Bhabha, 1998, p.332). Tal reflexão serve para pensarmos a representação do homem amazônico como um sujeito de saberes plurais, para além do idealizado/inventado em diferentes suportes e produtos culturais.

O ser humano vem se adaptando ao longo dos milhões de anos, sempre reinventando versões para sobreviver. Esse processo de adaptação ou transposição acontece com os

textos literários, quando são adaptadas para outros meios ou formatos de circulação, através do cinema, audiovisual, teatro, desenhos, séries televisivas, *podcasts*, HQ, entre outras possibilidades. Segundo Linda Hutcheon, a adaptação é “uma forma de transcodificação de um sistema de comunicação para outro” (Hutcheon, 2011, p. 9). Para a autora a adaptação existe sob dois prismas fundamentais: como processo e como produto cultural.

Ainda na perspectiva da transposição ou adaptação, concordamos com a premissa de Helena Bonito Pereira (2023), que assevera em seu recente livro - *Transposições midiáticas: literatura brasileira no cinema* que a função da adaptação do texto literário é a atualização do tema de um romance ou a contestação de seu conteúdo.

Na transposição de um livro para o meio audiovisual podem ocorrer pelo menos dois efeitos: sua difusão, que acrescenta nova vida e repõe em circulação uma obra talvez relativamente esquecida, ou sua vulgarização, se for produzido um filme de baixa qualidade. (Pereira, 2023, p. 24)

O conceito de testemunho *arbiter* de Sarmiento-Pantoja (2019), chamado também de testemunho de 2ª geração, é usado para classificar o narrador das narrativas de alguns personagens dos filmes participantes do *corpus* fílmico:

É preciso deixar claro que não tratamos aqui o testemunho *arbiter*, como pensa o campo jurídico [...] Apenas propomos pensar o testemunho *arbiter* como parte das perlaborações de um indivíduo que de certa maneira performatiza o trabalho de um juiz; [...] Dessa forma o testemunho construído na perspectiva *arbiter* precisamente funda-se sobre a ideia de juízo, na medida em que arbitra acerca da sobrevivência da matéria recordativa. (Sarmiento-Pantoja, 2019, p.14)

Ao analisar a fisionomia narrativa de Domingas, personagem de *Dois Irmãos* de Milton Hatoum, há a necessidade de se compreender o sujeito subalterno. Segundo, Gayatri Spivak, o subalterno refere-se ao sujeito que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (Spivak, 2010, p.12).

Le Goff (1990) é fundamental para se compreender o processo histórico da Memória, tanto do cinema paraense, quanto dos filmes adaptados. A ciência histórica tem como um de seus suportes a reunião de documentos, sejam escritos, orais ou imagéticos. Desse material elaboram-se significações que reproduzem, “o poder material da sociedade do passado sobre a memória do futuro: o documento é monumento” (Le Goff, 1990, p.47). Nesse sentido, o cinema com suas *histórias em movimento* traz o registro do desenvolvimento da sociedade e de seus artefatos artísticos com vistas ao controle de sua

gente, ao mesmo tempo em que é um produto cultural e guardião da memória de seu povo.

No que concerne os hábitos culturais que exercem poder simbólico, Marília Franco (2010), defende que a relação do cinema/audiovisual com a educação é fundamental para se pensar a formação dos jovens no Brasil.

Quando pensamos na força dos mecanismos de projeção/ identificação oferecidos pelos filmes a cada espectador e na profundidade da influência dessas vivências na formação da personalidade, sobretudo para crianças e jovens, podemos avaliar os resíduos disso numa formação que fica entre o *não ser e o ser outro*. Para pensar as relações entre cinema e educação, portanto é preciso ter claro que filme e cinema tem dimensões diferentes, mas indissociáveis na constituição da cultura audiovisual que marcou a personalidade e os hábitos culturais do século XX. (Franco, 2010, p.4)

Resultados preliminares

Como resultado preliminar da pesquisa, elencamos abaixo o levantamento de filmes adaptados de textos literários de autores amazônicos ou de temáticas amazônicas para o cinema no período de 1972 até o ano de 2022, no qual mapeou-se o seguinte *corpus* fílmico:

Quadro 1- TEXTOS LITERÁRIOS ADAPTADOS PARA O CINEMA/AUDIOVISUAL

OBRA/ADAPTAÇÃO DE 1972 ATÉ 2022)		ESCRITOR/DIRETOR AUDIOVISUAL
1	<i>A Selva</i> (2002)	Ferreira de Castro/ Leonel Vieira
2	<i>Dois irmãos</i> (2013)	Milton Hatoum / Luiz F. Carvalho
3	<i>Miguel Miguel</i> (2011)	Haroldo Maranhão/ Roger Elarrat
4	<i>Chuvvas e trovoadas</i> (1994)	Maria Lúcia Medeiros/ Flávia Alfinito
5	<i>A escrita voraz</i> (1994)	Maria Lúcia Medeiros /Mariano K.Filho
6	<i>Mulheres Choradeiras</i> (2000)	Fábio Fonseca de Castro/ Jorane Castro
7	<i>Shot da Bota</i> (1999)	Edyr Proença / Flávia Alfinito
8	<i>Iracema, uma transa Amazônica</i> (1974)	Jorge Bodanszky e Orlando Senna
9	<i>Carro dos milagres</i> (1991)	Benedicto Monteiro/ Moisés Magalhães
10	<i>Os promesseiros</i> (2001)	Chico Carneiro
11	<i>Aguirre, a Cólera dos Deuses</i> (1972)	Frei Gaspar de Carvajal/ Werner Herzog
12	<i>Pureza</i> (2022)	Pureza Lopes Loyola/ Renato Barbieri
13	<i>Kuarup</i> (1989)	Antônio Callado / Ruy Guerra
14	<i>Brutos Inocentes</i> (1973)	Líbero Luxardo
15	<i>kinemAndara</i> (1975)	Vicente Franz Cecim
16	<i>A quadrilha de Jacob Patacho*</i>	Inglês de Souza/ Pedro Veriano

17	<i>Velas. Por quem? (1994)</i>	Maria Lúcia Medeiros
18	<i>A moça do taxi (2000)</i>	Walcir Monteiro
19	<i>A Onda – Festa na Pororoca (2005)</i>	Adriano Barroso/ Cássio Tavernard
20	<i>Rapto do peixe-boi (2009)</i>	Cássio Tavernard /Rodrigo Aben-Athar
21	<i>Severa Romana (2006)</i>	Nazareno Tourinho/ Bio Souza, Rael Hélyan e Sue Pavão
22	<i>O Mundo Místico dos Caruanas da Ilha do Marajó/ Encantados (2014)</i>	Pajé Zeneida Lima/ Tizuka Yamazaki
23	<i>Promessa em Azul e Branco (2013)</i>	Eneida de Moraes/ Zienhe Castro
24	<i>O gatilheiro (2008).</i>	Violeta Loureiro / Cláudia Kawage
25	<i>Lendas Amazônicas – O Boto (1998). Visagens e Assombrações de Belém.</i>	Walcyr Monteiro/ Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho
26	<i>Lendas Amazônicas – Belém, mitos e mistérios (1998).</i>	Walcyr Monteiro/ Moisés Magalhães e Ronaldo Passarinho
* ficou somente no roteiro adaptado por Pedro Veriano a pedido de Líbero Luxardo		

Fonte: Elaborado e adaptado pela autora, Almeida (2021/2023).

Desse *corpus* inicial está em processo de análise 4 obras filmicas e seus respectivos textos literários. Destacamos que parte dessa cartografia filmica compõe o acervo do projeto de extensão intitulado *Cine Clube Resistência: Outras Amazônias*, coordenado pelo prof. Dr. Carlos Augusto Sarmiento-Pantoja, orientador desta pesquisa, em sessões abertas em que são exibidos os filmes seguidos de debates com o escritor ou com o diretor do filme no Espaço Ruy Paranatinga Barata – PPGL/UFPA, com transmissão ao vivo pelo *Youtube*.

O livro *Fazendo Fitas* de Pedro Veriano, servirá como base para o roteiro cinematográfico da tese, em formato de documentário de média metragem, que pretende narrar as memórias do cinema paraense a partir do testemunho do autor.

A partir da análise dos filmes e livro pretende-se verificar como o cinema na Amazônia com seu aparato de modernidade e poder simbólico ocasionou um deslocamento cultural. Compreender como a literatura e o cinema promovem narrativas que forjaram ambivalências culturais. Se, à medida da modernidade cultural e da construção de uma identidade plural dos amazônidas as obras de Artes ou os produtos culturais dão conta da invenção de um mundo comum para além da Amazônia idílica.

No filme, *Chuvvas e Trovoadas*, é possível observar como a protagonista se move na

narrativa de forma a resistir a padronização do que seja a *construção* de uma mulher *ideal*. Tanto no texto literário quanto na adaptação a relação da menina inquieta com os objetos cênicos, com a caixa de costura, com a cadeira, a hora de ir ao banheiro e as pequenas provocações que desaguam naquela chuva violenta de liberdade testemunham o avanço de um novo tempo. A fisionomia da protagonista é a própria memória da construção da mulher *de família*, prendada, recatada e do lar. Curiosamente, essa adaptação foi dirigida por Flávia Alfinito, que anos mais tarde tornou-se freira na vida real.

Dois Irmãos é um romance que articula a memória e o testemunho de forma permanente. Há até passagens que são metalinguagens, como por exemplo, quando retrata os caixeiros viajantes chegando na cidade de Manaus trazendo os aparelhos para as sessões de cinema voltado às crianças. Domingas ia acompanhado os gêmeos e via também o mundo naquela parede. A adaptação foi feita em forma de minissérie e foi exibida na Tv aberta e privada. Esta pesquisa aborda a obra a partir de duas categorias, testemunho *arbiter* e subalternidade.

Promessa em azul e branco foi adaptado no formato de curta-metragem homônimo. A escritora Eneida de Moraes usou a própria vida como inspiração para o romance, pois ela foi obrigada a usar roupas na cor azul e branco até os seus 15 anos, fruto de uma promessa da mãe. O testemunho e as memórias das angústias da Ditadura Militar estão presentes nessa adaptação.

Mulheres Choradeiras é uma livre adaptação do conto de mesmo nome, a história de três senhoras carpideiras acusadas pelo desaparecimento de um cadáver. O cenário retrata a cidade de Belém, com seus casarões, o cemitério *Soledad* e a vila de Icoaraci. A memória está presente em toda a atmosfera do filme e também no hábito cultural de contratar mulheres ancestrais para chorar em velórios alheios.

Considerações finais

Este artigo apresentou um esboço da tese em desenvolvimento que tem na memória e nas relações culturais mediadas por filmes adaptados a partir de textos literários o fio condutor na construção de uma identidade amazônica. Os testemunhos dessas obras de artes, podem reforçar os estereótipos ou reinventar mundos, entre a utopia e distopia na/da Amazônia. Essa forma de ler o texto literário, a partir de filmes adaptados em dispositivos móveis, deve ser também uma possibilidade válida de recepção da obra literária nas salas de aula na perspectiva de contribuir à construção de identidade e alteridade dos jovens.

Dos 26 filmes adaptados a partir de textos literários escrito por amazônidas ou de

temática amazônica, os 4 filmes elencados anteriormente, estão em análise. Nesse sentido, inferimos que são filmes que testemunham e problematizam à Amazônia e as suas pluralidades. Salvaguardando, narrativas insurgentes, que surgem das bordas, das fronteiras do discurso contra hegemônico. Esses filmes e textos literários performatizam aspectos ideológicos e culturais da sociedade paraense e amazônica a partir de uma Amazônia não idealizada. Inferimos que o *entre-lugar* construído nessa vivência do leitor e expectador se encontra na construção da cidadania, no despertar do pensamento crítico a partir da experiência sensível com a obra de arte, filme ou texto literário, que a sala de aula pode mediar.

De acordo com a proposição do tema do XVIII ABRALIC, *a invenção de um mundo comum* e a proposta do seminário: *Amazônia: utopias e distopias*, compreendemos que inventar é antes de tudo, preservar. Nesse sentido, o estudo da memória, identidade e alteridade no cinema do Pará e da Amazônia, carregam consigo uma pequena cartografia fílmica, de múltiplas vozes da literatura do Norte, da Amazônia e da Floresta, adentrando espaços de resistências em que os saberes transitam, tanto nos territórios, quanto nos suportes.

REFERÊNCIAS

ÁLVARES, Luzia. *In: VERIANO, Pedro. Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense*. Belém: EDUFPA, 2006.

CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.

FRANCO, Marília. *Hipótese-cinema: múltiplos diálogos*. Revista Contemporânea de Educação. V.5, nº9 –Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. p.3. São Paulo: Marco Zero, 1994.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A EDITORA, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2011

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão e outros. 3ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990

MALYSSE, Stéphane. **Antropologia e Multimeios: O corpo como interface entre Artes Visuais e Humanidades**. Avá. Revista de Antropología, 7, Universidad Nacional de Misiones. Argentina: 2005.

PEREIRA, Helena Bonito Couto. **Transposições midiáticas: literatura brasileira no cinema** / Helena Bonito Couto Pereira. - 1. ed. - Jundiaí [SP] : Paco, 2023.

SARMENTO-PANTOJA. Carlos Augusto. **O testemunho em três vozes: *testis*, *superstes* e *arbiter***. In: Literatura e Cinema de Resistência, Santa Maria, n. 32: Manifestações estéticas dissidentes, jan.-jun. 2019, p. 5-18. – ISSN 1679-849X | 5 | <http://dx.doi.org/10.5902/1679849X35461>

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VERIANO, Pedro. **Fazendo Fitas: memórias do cinema paraense**. Belém: EDUFPA, 2006.